

12564 - Tapinoã: a importância do conhecimento tradicional na conservação de sementes crioulas

CAMARA, Vera¹; FIGUEIREDO, Roberto dos Santos²

1 EMATER-RIO, vtcamara@uol.com.br; 2 ASPROTA, Estrada de Morro Grande, s/nº, Araruama/RJ.

Resumo:

A história do milho crioulo preservado em tapinoã, no município de Araruama, litoral do estado do Rio de Janeiro, há mais de cinquenta anos é também a história dos camponeses de origem negra da comunidade. A semente do milho crioulo, valorizada no relato da experiência, revela um sistema autônomo; de cooperação e solidariedade, característicos da agricultura familiar camponesa; que reforçam a nossa crença com respeito à importância do conhecimento tradicional à manutenção da diversidade natural e cultural, sobretudo se considerarmos as condições de desigualdades em que os conhecimentos tradicionais foram compartilhados. As sementes do milho crioulo, mantida pelas famílias e comunidade possibilitaram processo de educação dialógica servindo de referência à transição agroecológica.

Palavras chaves: Comunidade; Conhecimento Tradicional; Sementes Crioulas

Contexto: Tradição e história fazem de comunidade rural espaço de poder, crenças e diversidade.

A história de Tapinoã retrata a origem de uma comunidade, cujos grupos familiares se caracterizam por uma forte herança com as gerações de escravos da fazenda prodígio, localizada na região do litoral do estado do Rio de Janeiro, no município de Araruama. O desenvolvimento econômico, social e cultural desta região fundamenta-se nas antigas fazendas formadas em razão do processo de ocupação do litoral, e deve-se principalmente a mão de obra escrava, oriunda do tráfico de negros vindos de países africanos para esta região. Os primeiros dados estatísticos³ concretos sobre suas freguesias realizado em 1858 revelam que a população negra, escrava, era superior a população de pessoas livres, caracterizando desta forma os escravos como a principal força de trabalho das fazendas, e que mais tarde irá se constituir em comunidades rurais, e ainda comunidades rurais remanescentes de quilombos, conforme o reconhecimento previsto na Constituição de 1988.

As famílias residentes em Tapinoã são principalmente de origem negra, as quais com a decadência das antigas fazendas passam a compartilhar espaços geográficos nas proximidades e entorno destas, em busca da sobrevivência, da subsistência, configurando uma realidade de valores, tradições e de forte identidade.

A decadência da fazenda, o avanço da legislação trabalhista e o chamado “pagamento de renda” onde boa parte das famílias era obrigada pelo menos duas vezes na semana dar o dia de trabalho aos senhores proprietários, propiciou aos remanescentes que ocupassem uma faixa pequena de área das terras da fazenda e de seu entorno, onde muitos permanecem, ora como posseiros, ora como

¹ Vera Camara, extensionista social da EMATER-RJ em Araruama.

² Roberto dos Santos Figueiredo, agricultor agroecológico, presidente da Associação da comunidade de tapinoã em Araruama – RJ.

³ Relatório Estatístico do Presidente Antonio Nicolau Tolentino, sobre as Freguesias de Araruama e São Vicente de Paulo, divulgado em 29 de Julho de 1858, citado no livro *Araruama: Panorama de uma Cidade*. 1992.

pequenos proprietários.

A formação desta comunidade aconteceu mediante uma realidade complexa, todavia, mesmo diante de um cenário desenvolvimentista, de modernização da agricultura, são evidentes e muito fortes as influências da cultura africana camponesa junto às famílias. Todo um sistema de cooperação e solidariedade serve como base às experiências vivenciadas por estas famílias e reforçam a nossa crença com respeito à importância do conhecimento tradicional no processo de transição agroecológica. O conhecimento tradicional a qual nos referimos está pautado em processo cultural, que compreende hábitos e costumes repassados por gerações e que evidenciam uma realidade de resistência, sobretudo diante das transformações impostas a esta região.

Tradicionalmente, muitas das experiências adotadas no cotidiano das famílias que vivem em Tapinoã nos reportam a cultura camponesa e, sobretudo, servem como ponto partida à nossa reflexão.

Embora tenha havido mudanças significativas na produção nas últimas décadas, principalmente em face aos incentivos à introdução de culturas consideradas mais promissoras do ponto de vista econômico; de modo geral, as unidades familiares apresentam elevado nível de diversidade⁴, explorando culturas tradicionais e, sobretudo mantendo importantes áreas verdes preservadas.

As experiências de tapinoã constituem um universo ainda a ser desvendado. No entanto observamos que as unidades familiares valorizam o sistema de subsistência e produção diversificada, onde predominam o cultivo de aipim, quiabo, maxixe, abóbora, milho, feijão, amendoim, urucum, laranja e frutíferas. Os mutirões, quase esquecidos pelas comunidades em geral, são experimentados e faz parte da realidade das famílias, visando principalmente os tratos culturais, a fabricação de farinha e atividades sociais. A mandioca desempenha papel importante na subsistência e produção local, onde existem pequenos engenhos destinados à produção de farinha, sola e o biju. As construções de “pau a pique”; os hábitos alimentares que incluem pequenos roedores, a criação de aves e a engorda de porcos, como fonte de proteínas; e, sobretudo a guarda e troca de sementes, plantas e mudas, fazem da comunidade uma referência em suas experimentações para a agricultura familiar e camponesa desta região.

A necessidade de aproximar o conhecimento técnico, institucional ao conhecimento tradicional, camponês; nasce em razão das potencialidades endógenas experimentadas por este grupo. A disseminação de tecnologias produtivistas não rompeu em definitivo o vínculo com as tradições. Sabemos das dificuldades em subsistir as pressões impostas por um modelo econômico capitalista, entretanto, as famílias de Tapinoã permanecem como experimentadores de processos, que, sobretudo valorizam a cultura rural.

A nossa opção de dar atenção as sementes crioulas mantidas pela comunidade de Tapinoã é consequência de um processo crucial vivido por tantas comunidades espalhadas por este Brasil e América Latina, que lutam pela vida de suas sementes e pelo conhecimento tradicional. A partir das sementes crioulas em especial o milho esperamos fortalecer o diálogo com a comunidade. As

⁴Em entrevista a Regina da Conceição (Dona Reis), realizada em 18 de novembro de 2009, constatamos grande diversidade de plantas e cultivos: Pinha, Goiaba, Aipim, Guandu, Laranja, Banana, Coco, Cajá, Manga, Acerola, Fruta de Conde, Amora, Romã, Uva, Maracujá, Tomatinho Cereja, Quiabo, Maxixe, Milho, Batata-Doce, Feijão Preto, Feijão de Corda, Abacate, Jamelão, Seriguela, Fava, vick, poejo, hortelã, novalgina, Alevante, Erva-Doce, Capim-Limão, Cidreira, Erva-Macaé, Sete-Sangria e macela.

sementes são instrumentos que permitem nossa aproximação com a cultura camponesa e afro descendentes. O modo como reproduzem as sementes crioulas, que perpassa gerações, é também o modo como reproduzem o conhecimento e mantém viva a história rural. As sementes crioulas podem transformar uma realidade e constituírem-se em objeto de educação agroecológica.

Descrição da Experiência: Estratégias simples marcam a história das sementes crioulas em Tapinoã

Agricultores e agricultoras da comunidade de Tapinoã há mais de meio século utilizam sementes crioulas de milho na subsistência e produção familiar. O milho produzido na comunidade pelas famílias faz parte de suas tradições, herança de seus antepassados⁵.

“... desde que a gente nasceu planta esse milho, essas sementes são do tempo dos velhos, nunca deixamos a planta acabar... aí nós vem zelando, zelando, eu me casei e fomos zelando, tem mais de 50 (cinquenta) anos...”

O milho tem sua importância no planejamento da produção e na subsistência das famílias. É consumido principalmente verde, e quando seco serve principalmente às criações (aves e porcos), que são à base da dieta de proteína das famílias. Todavia, o milho tem influencia direta na segurança e autonomia alimentar da comunidade⁶.

“o milho hiba não serve pra gente, o hiba é um milho fraco, não alimenta as galinhas e nem engorda os porcos, o milho hiba deixa os ovos com a gema branca, sem gosto... o hiba é um milho grande e sem nutrientes”⁷.

Na avaliação dos agricultores e agricultoras, as sementes crioulas de milho amarelo e roxo, por diversos aspectos, são as preferidas, como: plantio em quintais; em sistema de consórcio com outras culturas; resistência às pragas; não exigência de insumos; armazenamento por longo período mesmo com a adoção de tecnologias simples; propriedades nutritivas que favorecem a alimentação e segurança alimentar⁸.

“... desde que eu me entendi por gente, gente adulta, eu alcancei sempre meus pais, meus avos, sempre com a preferência nesse milho...”

O conhecimento camponês tradicional recebe influências de outras culturas. O conhecimento tradicional interage com o conhecimento técnico, que muitas vezes oferecem planos e projetos de desenvolvimento baseados em tecnologias modernas, como por exemplo, a oferta de sementes híbridas de alta produtividade. Todavia, as sementes de milho crioulo vêm sendo mantidas por gerações, contrariando as expectativas dos planos e projetos de ATER.

Na perspectiva da sustentabilidade dos agroecossistemas é estratégico estimular as experiências que tratam do resgate, multiplicação e conservação de sementes tradicionais. A cultura das famílias de Tapinoã de preservar as sementes da tradição, bem como as práticas associadas ao manejo e conservação das sementes, caracteriza-se um patrimônio para a comunidade e o município. A história e os mecanismos que predominam no processo de conservação e que ao longo dos anos favoreceu a manutenção das sementes são simples. As sementes são estocadas em sacos de alvenaria sobre tábuas, na casa de farinha dentro de cestos, em garrafas plásticas, penduradas no teto da cozinha, da sala. Ocorrendo perda da semente, o sistema de troca entre as famílias é acionado, a simplicidade do processo está centrada em valores. A possibilidade de perda da semente

⁵ Depoimento do agricultor familiar Manoel Martins de 76 anos e Dona Virginia Clemente Martins de 81 anos.

⁶ Depoimento de Dona Genoveva Menezes de Souza.

⁷ O termo “hiba” citado pela agricultora refere-se ao milho “híbrido”.

⁸ Em depoimento Dona Virginia relata que o milho deixa a gema do ovo mais vermelha, tornando este mais saboroso.

do milho não existe porque as famílias estabeleceram um código ao longo dos anos, uma rede solidária que se caracteriza por sentimentos de confiança, amizade, companheirismo, vizinhança, compadrio, em fim essas relações dão sustentabilidade ao processo de troca e desafiam o conhecimento técnico.

“Já tive dificuldades e fiquei com somente três espigas e tenho dado sementes para muita gente, de graça... Quando acontece da gente perder a gente recorre aos outros e começa tudo de novo⁹”.

As sementes do milho crioulo são negociadas na feira do município. O milho crioulo é um produto muito procurado por agricultores de outras comunidades do município e da região. As sementes de milho, principalmente do roxo são um atrativo para alguns visitantes e acabam muito valorizadas economicamente, ajudando na renda das famílias.

As tecnologias de plantio adotadas pelos agricultores e agricultoras são, no geral, resultados do aprendizado na vida camponesa, fazem parte dos saberes e experiências acumuladas pelos familiares, vizinhos e comunidade.

O conhecimento construído, apropriado no decorrer do processo da experiência evidencia o tanto quanto necessitamos fomentar uma *ciência* que possa considerar estas práticas de forma a valorar o conhecimento tradicional. O modo como às sementes é preservada, com reverência a simplicidade do manejo de pequenos bancos familiares, elucida as faces da resistência das famílias no enfrentamento dos limites e riscos.

Resultados: Uma comunidade em processo de empoderamento e visibilidade.

A socialização de uma experiência pode trazer ensinamentos muito promissores a uma comunidade e servir a seu empoderamento e visibilidade. A estratégia de fomentar os intercâmbios entre experiências, promovendo o diálogo de saberes entre as comunidades rurais de diferentes regiões e municípios, constitui-se um marco da Articulação de Agroecologia do Rio de Janeiro (AARJ).

A participação da comunidade de Tapinoã nos encontros, reuniões, cursos de formação e intercâmbios regionalizados, foram de fundamental importância para a visibilidade da comunidade e percepção do sentido de autonomia que se quer conquistar para a agricultura familiar.

A partir da interação e diálogo com outras famílias experimentadoras e comunidades rurais portadoras de potencial agroecológico, demos um passo importante em relação a romper o isolamento e desencadeamos um processo de visibilidade¹⁰.

“Esse milho para a comunidade é uma potencialidade grande, tanto de renda, como para divulgação da comunidade também. Porque a nossa comunidade como já observou a maioria é o pessoal descendente de escravo que trabalhava na fazenda prodígio. Um pessoal que não tinha muitos recursos para derrubar a mata, pra cortar, pra meter máquina de esteira como fazem os fazendeiros. Então a comunidade ficou mais ou menos preservada, com muita área de mata e tal. Então essa situação da agroecologia que a gente já começou a se inserir... Eu acho que o milho é de grande importância até porque a gente começou a divulgar o milho e houve muito interesse das pessoas em conhecer o milho e pegar um pouquinho da

⁹ O depoimento e experiência de Aluirdes dos Santos Teixeira, reforça estes sentimentos.

¹⁰ Roberto dos Santos Figueiredo tornou-se um agricultor agroecológico e participa do movimento da agroecologia da região serra mar.

semente para plantar e pra ver como é que é. Então eu acho que esse milho vai ajudar na divulgação da comunidade, na forma de trabalho que a comunidade vem fazendo que vive; frente essas situações de milho híbrido, de laboratório, e transgenia. Eu acho que no futuro, talvez eu não alcance, sei lá, pode vir uma coisa boa”.

Certamente a situação das sementes crioulas vem provocando reflexões e avaliações quanto ao modo de vida e as estratégias de reprodução da subsistência e da produção rural. Todavia o processo de visibilidade pautado no desenvolvimento sustentável requer consciência política e impõe desafios. A visibilidade é sem dúvida uma oportunidade para refletir sobre as nossas atitudes e comportamento.

A comunidade de Tapinoã recebeu em 2009 o primeiro intercâmbio de sementes que reuniu experimentadores das regiões das baixadas litorâneas, centro e sul do Estado, favorecendo ainda mais a construção deste aprendizado, despertando o interesse da comunidade em conhecer outras experiências e acima de tudo promover a valorização do saber local. O conhecimento de origem tradicional quando compartilhado fortalece o protagonismo das comunidades rurais e gera uma sinergia de poder.

Conquistamos oportunidades importantes com esta experiência. A participação de jovens da comunidade de Tapinoã no Projeto Campo e Campus¹¹ abrem novas perspectivas para o comprometimento da geração com os desafios impostos ao futuro da agricultura familiar da região. A participação dos jovens no projeto torna a experiência visível à juventude, possibilita o entusiasmo entre os mais jovens.

“A gente aqui do campo teve que passar a nossa experiência lá pro pessoal da cidade. Lá eles têm assim pouca experiência do que a gente passa, do que a gente vive, do que a gente produz. Lá quase o pessoal não tem espaço. A gente aprendeu um pouco com eles e eles aprenderam um pouco com a gente¹²”.

As experiências não podem subsistir isoladas, acabariam enfraquecidas, sem visibilidade e sem o empoderamento necessário as estratégias de resistência e autonomia.

Referências Bibliográficas:

ALMEIDA, P. & CORDEIRO, A. *Semente da Paixão, Estratégia Comunitária de Conservação de Variedades Locais no Semi-Árido.* AS-PTA. Esperança – Paraíba. 2002.

CAPORAL, F. R.; Costabeber, J. A. *Agroecologia: alguns conceitos e princípios.* 24p. Brasília. MDA/SAF/DATER-IICA, 2007.

CHAVES-TAFUR, J. *Aprender com a Prática: uma metodologia para sistematização de experiências.* ASPTA/ILEIA. Brasil, 2007.

BRASIL, Leisa. *Revista Agriculturas: experiências em agroecologia.* Outubro de 2007. Vol. 4 número 3.

SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA DE ARARUAMA, Araruama: Panorama de Uma

¹¹Projeto executado pela articulação estadual em parceria com a UFRRJ, entre janeiro de 2009 e fevereiro de 2011.

¹²Geovani da Conceição Fernandes, fazendo referência a sua experiência no projeto Campo - Campus.

Cidade. Pesquisadora Maria de Fátima Moraes Rodrigues. Prefeitura Municipal de Araruama –. Editora Damadá. 1992.